



Jornalismo e Literatura nas Colunas Femininas de Clarice Lispector¹

Juliana PEREZ²

Ailton SIQUEIRA³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

A contribuição de Clarice Lispector enquanto jornalista é tão impressionante e vasta quanto sua produção como escritora, porém ainda é um campo pouco estudado. Foram mais de 30 anos dedicados ao jornalismo, escrevendo reportagens e entrevistas que possuíam em sua estrutura vestígios literários. Em Clarice, o jornalismo e a literatura se entrelaçam e se prendem a uma subjetividade à flor da pele. As colunas femininas *Correio Feminino*, *Entre Mulheres* e *Só para Mulheres* são prova disso: revelam o que há de mais humano no ser, revelam o amor de Clarice pelo mistério da vida e das coisas e sua busca pela liberdade.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Clarice Lispector; Escritora.

A escrita de Clarice Lispector exige - do leitor - maturidade. Não a maturidade do intelecto, mas aquela que envolve somente as sensações, os sentimentos. A própria escritora revela isso em *A Paixão Segundo G.H.*, romance publicado em 1964: “Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada” (Lispector, 1998, P.3). Em entrevista, em 1977, ao programa Panorama Cultural da TV Cultura, quando questionada se se considerava hermética, respondeu: “Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e, sim de sentir, de entrar em contato. Ou toca ou não toca”.

A palavra foi a maneira que Clarice encontrou para se por no mundo. Aqueles que se deparam com sua escrita sentem a imensidão e a força de significados que acalmam e sufocam a alma quase que instantaneamente. É um susto que resgata e inquieta, capaz de provocar dor e prazer num paradoxo singular e infinito.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Discente do Programa de Pós-Graduação (em nível de mestrado) em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). Email: perez.juliana@gmail.com

³ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Email: ailtonsiqueira@uern.br

A obra literária de Clarice é marcada pela introspecção diante da vida e das coisas. Conflitos, angústias, desejos e felicidade são temas recorrentes na escrita clariceana – considerada um labirinto por aqueles que não ousam estender o olhar. No entanto, todo o hermetismo de Clarice se esvai diante das sensíveis e inofensivas páginas femininas, trabalho realizado por ela como colunista – contribuição ímpar para diversos jornais diários.

Foi na infância o primeiro encontro com o jornalismo. Morando em Recife, começou a escrever aos 7 anos de idade. Na época, o *Diário de Pernambuco* dedicava uma página às produções literárias infantis, no entanto as de Clarice nunca foram publicadas. O motivo: não havia fatos em suas histórias, apenas a descrição do que ela sentia em relação às crises financeiras enfrentadas pela família, assim como a paralisia da mãe. Sobre isso, diz: “eu era muito alegre e escondia de mim a dor de ver minha mãe assim. Você sabe que só lembrando de uma vez, com toda violência, é que a gente termina o que a infância sofrida nos deu?” (Lispector, 2005). Os textos de Clarice refletiam apenas essas sensações. Característica que a acompanhou por toda uma vida e que pode ser percebida em tudo que escreveu. “O que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca” (Lispector, 1998).

Ainda no jornalismo, foi da reportagem à crônica, porém sua contribuição enquanto colunista feminina torna-se ímpar devido à extravagância trivial da linguagem por ela utilizada. A palavra como *isca*. A palavra pescando o que não é palavra, a não palavra - a *coisa*. A palavra tocando o que não se reduz à palavra. É nas páginas de “amenidades” que se encontra uma Clarice despreendida do rebuscamento tão característico de sua produção literária. Iniciou neste gênero em 1952 – na época já escritora consagrada – a convite do amigo Rubem Braga, fundador do jornal *Comício*. De maio a setembro de 1952, Clarice se dedicou à coluna *Entre Mulheres*, assinando com o pseudônimo Tereza Quadros. Em carta ao amigo Fernando Sabino, Clarice comenta sobre o pseudônimo: “ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista, enfim” (Lispector, 2005).

No *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo Helen Palmer, Clarice assume a coluna *Correio Feminino* todas às quartas e sextas-feiras, de agosto de 1959 a fevereiro de 1961. No mesmo período em que escreve o *Correio Feminino*, a escritora jornalista aceita o convite para contribuir com o *Diário da Noite*, no período de abril de 1960 a março de

1961. Ali, na coluna *Só para Mulheres* – publicada de segunda a sábado – torna-se a *ghost-writer* da atriz Ilka Soares, com quem viria nutrir de intensa amizade.

O motivo dos pseudônimos: Clarice temia comprometer seu nome por escrever textos menos elaborados. A verdade é que – apesar do teor ser semelhante a tantas outras colunas dedicadas às mulheres, com seus conselhos e receitas de felicidade e de como agradar o homem amado – as páginas femininas de Clarice Lispector fogem do convencional ao retratar simplesmente a vida. “Entre os fatos há o sussurro. É o sussurro que me impressiona” (Lispector, 2005). E é nas entrelinhas que ouvimos o personagem principal de Clarice: a vida. É o mundo das simulações e o da verdadeira natureza das coisas que se apresenta pelo que não está explícito. Nunes (2013) afirma que em Clarice, “o gosto pelo interdito, pelas entrelinhas e pelos pequenos detalhes que remetem a significações outras sempre prevalece” (NUNES, 2013, p. 8).

A jornalista Clarice Lispector

Clarice iniciou a carreira como jornalista antes mesmo de ter lançado seu primeiro livro – *Perto do Coração Selvagem* (1943). A primeira experiência profissional veio aos 20 anos, quando foi repórter da Agência Nacional. A primeira reportagem *Onde se ensinará a ser feliz* (sobre um lar para meninas carentes) foi publicada no *Diário do Povo*, de Campinas (SP), em 1941. Contribuiu ainda com os jornais – *A noite*, *Jornal Comício* (fundado por Rubem Braga), *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal Última Hora*, *Diário da Noite* – além das revistas *Fatos & Fotos* e *Manchete*.

O que nos motivou a investigar as colunas femininas foi o comportamento singular adotado por Clarice, que revela nas entrelinhas as inquietações do ser sobre a vida numa estrutura que enlaça o jornalismo e a literatura, e que tem como molde o ensino de receitas de felicidade, além de conselhos íntimos de sedução. O trato com a palavra a denuncia. As colunas não seriam dessa forma se por Clarice não tivessem sido escritas.

É interessante ainda perceber como Clarice pensava a página do jornal. Na época, os recursos de diagramação eram muito escassos, principalmente quando se tratava das páginas dedicadas às mulheres. Para o jornal, o importante era que a página feminina não saísse em branco. Para Clarice, aquele espaço era o mais importante, por isso o capricho: fazia recortes de gravuras e moldava o texto a um público, provavelmente, diferente do que acompanhava a sua ficção literária. Comparada a sua literatura, a qualidade linguística e

temática poderia ser inferior, mas ela soube – através do seu cuidado com a palavra crua – envolver quem ansiosamente abraçava seus conselhos.

Aqueles que demoram o olhar sob as colunas femininas percebem o enlace da complexidade de pensamento de Clarice Lispector enquanto escritora e jornalista com a firmeza de suas palavras enquanto mãe, esposa, ser humano, mulher.

Para entender a escrita de Clarice é necessário conhecer um pouco sobre o mundo que a rodeava, mas principalmente sobre o universo que havia dentro dela: um território sem limites e, ao mesmo instante, repleto de barreiras que Lispector buscava ultrapassar incessantemente.

De origem ucraniana – nasceu em Tchetchelnik no dia 10 de dezembro de 1920 – Clarice se chamava Haia Lispector. A mudança do nome veio com a chegada ao Brasil junto com a família. Sobre este fato, ela diz: “Um nome para o que sou importa muito pouco. Importa o que eu gostaria de ser”. A capacidade de guardar em si as dores e inquietações humanas é o que torna sua escrita tão única. De acordo com Morin (2002), toda a totalidade humana está contida na linguagem, que constitui uma encruzilhada essencial do biológico, do cultural, do social.

A linguagem é uma máquina (...) Funciona fazendo funcionar outras máquinas que a fazem funcionar. Assim, está vinculada à engrenagem da maquinaria cerebral dos indivíduos e da maquinaria cultural da sociedade. É uma máquina autônoma-dependente numa polimáquina. Depende da sociedade, de uma cultura, de seres humanos que, para se realizar, dependem da linguagem. (MORIN, 2002, p. 37).

É através de uma linguagem persuasiva e sedutora que Clarice Lispector revela o domínio absoluto que possui sobre os temas. Em seu discurso não há incertezas, o que permite à leitora - que tem dúvidas sobre relacionamento e beleza, por exemplo - a sensação de segurança e bem-estar tão almejada.

Em *Receita de Casamento*, Clarice dá respostas para os questionamentos que afligem as mulheres ao mesmo tempo que critica as inúmeras fórmulas para se viver: “Há muitas receitas para um matrimônio feliz como há inúmeras receitas para um mesmo tipo de bolo, de torta ou pudim. Os ingredientes variam apenas ligeiramente, para que a uniformidade não se transforme em rotina” (LISPECTOR, 2006, p. 81).

Conforme Bauman (2007), vivenciamos um momento de liquidez, assinalado principalmente pela insegurança, ansiedades, angústias e de relações líquidas. O sociólogo acredita que a necessidade de respostas é uma das características do indivíduo que busca incessantemente o significado de sua existência. Lipovetsky (2007) também reflete sobre

esta inquietação humana que exige receitas infalíveis de ser feliz às ações mais simples como alimentar-se, seduzir, fazer amor, relacionar-se. Nas colunas femininas, encontram-se as respostas para todas as questões que afligem as mulheres. Conselhos de como seduzir o homem amado são as mais esperadas pelas leitoras, pois é no outro que o existir de fato acontece. Sonho de realização pelo amor. No fundo, as mulheres, como todas as pessoas, estão buscando formas afetivas de viverem relações humanas. Portanto, não se trata de uma busca ou satisfação sexual com o outro. Todorov (1996) afirma, “o desejo não busca prazer, mas a relação. A relação com o outro não é um meio (para se alimentar ou gozar sexualmente), ela é o objetivo que buscamos para assegurar nossa própria existência” (TODOROV, 1996, p. 67).

Literatura e Jornalismo

É interessante também observar o percurso histórico e cultural do jornalismo impresso, principalmente o que diz respeito ao itinerário da imprensa feminina, classificada como editoria de comportamento por seu caráter de conselheira e a convergência entre jornalismo e literatura.

Os primeiros profissionais da notícia foram os escritores, os artesãos da palavra escrita. No entanto, o nascer jornalístico surgiu, de acordo com Kovach & Rosenstiel (2003), nos primórdios da humanidade, quando o ser humano começou, de fato, a comunicar-se. Os relatos orais, como afirmam Burke & Briggs (2004), são as primeiras mídias da história humana. Essa oralidade originaria o início de uma espécie de pré-jornalismo e contribuiria para a formação do jornalismo moderno no início do século XVII.

Apesar dos primeiros jornais terem surgido nesta época, Lage (2003) defende que apenas com a ascensão da burguesia europeia, no século XVIII, é que a imprensa, de fato, surgiu. Neste contexto, a Igreja e o Estado detinham o poder sobre os meios de comunicação, e a imprensa – por meio de suas “notícias” fortemente opinativas – contribuiu com o fim dessa hegemonia. Como consequência, os aspectos políticos e sociais europeus são transformados e influenciados. Nesta época, os jornais tinham uma característica artesanal, não eram necessários grandes investimentos para que as notícias fossem publicadas.

Devido a esta facilidade e à aura filosófica que despertava a necessidade de reflexão sobre a vida contingente, os jornais tornaram-se espaço para a exposição de opiniões. As

ideias e os pensamentos eram mais importantes que a informação. Somente com a censura deste tipo de jornalismo pelos governos europeus – que se sentiam ameaçados por tamanha pressão – é que a notícia passa a ser considerada objeto, exclusivamente, informativo. A partir daí, surge um novo tipo de jornalismo embasado na objetividade. Fatos como a Revolução Industrial na Europa, a necessidade de alfabetização das classes mais baixas e a inserção de anúncios publicitários nos jornais contribuíram para a solidificação do novo modelo de jornalismo, que refletiu muito de suas características no modelo jornalístico dos dias atuais.

O jornalismo brasileiro sofreu com o atraso do desenvolvimento e imprimiu muito das características iniciais do jornalismo realizado na Europa – marcas de subjetividade e opiniões que mais se assemelhavam a ataques políticos travados no papel. Entre as décadas de 30 e 40 do século XIX, os jornais brasileiros passam a adotar o modelo americano de jornalismo, implantado também em outros países como na Alemanha, Argentina, Itália, Chile e Espanha.

Elementos da literatura, que permitiam a romantização da escrita, são excluídos do novo processo de produção da notícia. Com a disseminação do modelo americano, o texto jornalístico passou por transformações. Para garantir uma pretensa objetividade, determinou-se a padronização da linguagem, eliminando, dessa forma, quaisquer resquícios literários – o inverso do modelo francês, que permitia o entrelaçamento do texto jornalístico com o literário e considerava o próprio jornalismo um ramo da literatura.

Durante séculos, a literatura foi a maior formadora dos jornalistas brasileiros. Muitos eram escritores antes de exercerem o jornalismo como atividade profissional e, portanto, transportavam para dentro de seus textos jornalísticos lances da narrativa literária. Rubem Braga, Clarice Lispector e tantos outros percorreram este caminho. É interessante também observar como o jornal impresso era estruturado: os cadernos de *Política* e *Economia* eram de competência exclusivamente masculina, enquanto que o papel feminino no jornal se resumia a dicas vazias de beleza e culinária. No entanto, diante de temas comuns, Clarice se sobressai: apresenta outros olhares, outra linguagem - que guarda em si toda a totalidade humana. “O homem faz-se na linguagem que o faz. A linguagem está em nós e nós estamos na linguagem” (MORIN, 2002, p. 37).

Nas colunas femininas, encontram-se as respostas para todas as questões que afligem as mulheres. Conselhos de como seduzir o homem amado são as mais esperadas pelas leitoras, pois é no outro que o existir de fato acontece. Precisamos ser objetos dignos

de amor e de reconhecimento. Precisamos ser amados para amar. E se não tivermos o amor, que tenhamos apenas uma esperança de amor que nos ajude a suportar nossa incompletude.

Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares: as colunistas de Clarice Lispector

É por meio da palavra não dita, da não palavra, que Clarice Lispector revela o ser humano por completo - a palavra é a sua quarta dimensão. Helen Palmer, Ilka Soares e Tereza Quadros são a extensão desse sentimento pelo não palpável. São três colunistas femininas que abordam o mesmo universo, porém de maneiras distintas. Cada uma delas é dotada de características sutis, assim como os demais personagens clariceanos.

Helen Palmer, do *Correio Feminino* (*Correio da Manhã* - de agosto de 1959 a fevereiro de 1961), era a colunista que escrevia em prosa, poesia. A beleza feminina é tema recorrente em suas colunas, porém esta beleza é retratada de maneira diferente, como em *Ser feliz... para ser bonita*.

Claro que se o dinheiro falta, se a saúde vacila, se o amor arma alguma cilada, seu desejo de rir será pouco. Mas combata a depressão. Cultive o bom humor, como quem cultiva um bom hábito. Esforce-se para ser alegre. Afaste os sentimentos mesquinhos que provocam o despeito, a inveja, o sentimento de fracasso, que são origem de infelicidade. Adote uma filosofia otimista, eduque-se para ser feliz. Você o conseguirá. (...) Seja feliz, se quer ser bonita! (NUNES, 2006, p. 71).

Para Helen Palmer, a beleza está na felicidade, no sentimento, no passado das coisas, na vida que já foi vivida e naquela que ainda resta ser. Belo é o mistério do mundo e do universo, os segredos do coração e das lembranças cor de rosa - que vivem na eternidade e na saudade, gravadas na alma. “Não sei viver, só sei lembra-me” (Lispector, 2005), diz Clarice.

Que lindas são as coisas antigas que se tornaram opacas e amareladas porque sobre elas passou a vida, porque crescemos e vivemos tocando-as, fixando na retina as suas formas, fazendo-as participar dos nossos segredos, da primeira carta de amor, do primeiro beijo, dos sonhos de felicidade (NUNES, 2006, p. 124).

Já Ilka Soares, colunista da *Só para Mulheres* (*Diário da Noite* - de abril de 1960 a março de 1961), aborda temas relacionados à sensualidade, feminilidade e etiqueta. As aulinhas de sedução de Ilka Soares provocam as mulheres a conhecerem a si mesmas. Sobre o que é “sex-appeal”, Ilka instiga: “Não se analisa, não se copia; até mesmo a expressão é

intraduzível para qualquer outra língua. É a atração. A questão é: pode-se conseguir “sex-appeal”? Pode-se adquirir o fluido magnético? (Nunes, 2006).

Uma mulher que anda curvada talvez se transforme toda quando aprender a nadar melhor. Uma mulher que se veste de um modo impessoal talvez com o mínimo de coragem seja mais individual. Do momento, aliás, em que você se convence de que você mesma é a sua própria matéria-prima, desse momento você já começou a ter um novo encanto... (NUNES, 2006. p.101).

Para Ilka, o que interessa é a sedução, pois é a que envolve, mesmo que não se entenda de que modo. “Talvez você não seja bonita. Não tem importância. Você pode ser irresistível sem ter beleza. Talvez você pense que não aprendeu nada de positivo. Mas aprendeu, sim. Aprendeu que ser amada não depende de beleza” (Nunes, 2006).

São conselhos de uma atriz com uma carreira de sucesso – Ilka Soares - e os de uma escritora que tem como marca principal a introspecção diante da vida e das coisas – Clarice Lispector. “Se as mulheres mudam, os homens também evoluem com a idade, nos desejos e nas exigências. O amor que eles reclamam se alimenta mais de compreensão, de presença. Deseja uma plenitude sentimental mais delicada, mais profunda” (Nunes, 2006).

A paixão pelo desconhecido também é recorrente na obra clariceana. Certa vez, um crítico disse que Clarice não era uma escritora, pois usava as palavras como forma de bruxaria. Depois disso, foi convidada para participar do Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá (Colômbia), em 1976. Preparou um texto que envolvia magia e fenômenos naturais, mas acabou desistindo de lê-lo. Resolveu traduzir para o inglês o conto O ovo e a galinha, considerado um mistério para ela mesma. Não poderia haver texto mais tomado de magia. “Ela (Clarice) descobria intuitivamente o mistério da vida e do ser humano; em compensação, era capaz de dissimular o seu próprio mistério” (Borelli, 1981).

Também gosto de astrologia, cartomancia, ciências ocultas. Mas ainda não vi nada disso mudar meu futuro. Parece que só a gente mesmo é que pode fazer o dia de amanhã. Mas antes a pergunta que se impõe é esta: que é mesmo que você quer? Saber a resposta é indispensável (NUNES, 2006, p.43).

Por vezes, Ilka e Clarice têm as mesmas características, os mesmos gostos, a mesma necessidade de ser livre, de acordar-se. “Sonhar é bom, é como voar suspensa por balões. Bom, pode-se cair, todos sabem disso, sobretudo as crianças que nem por isso deixaram de andar. Mas levante-se, então; também as crianças sabem disso” (Nunes, 2006). O sonho comparado ao um vôo que inúmeras vezes é uma fuga da realidade, por isso o acordar é tão

importante, apesar de dolorido. Olha-se tanto para as nuvens como se as respostas estivessem entre elas. Mas não. Desce um pouco os olhos e olha para dentro. Dentro de ti. É a queda que mais parece um soco no estômago. É o acordar necessário. A vida só nasce e renasce através da dor. “A vida é dor”, já dizia Buda. Do nascimento à morte, é ela quem nos acompanha sorradeira, fazendo-se de amiga ao ouvir silenciosamente nossos gritos. A dor é quase tudo que somos. A palavra é tudo que temos.

Tereza Quadros é a jornalista com jeito de escritora. Ativa, gosta de contar histórias e as narra minuciosamente. Das colunistas clariceanas foi a que primeiro nasceu. O nome, dado por Rubem Braga, marcou sua personalidade. Clarice costumava dizer em cartas que Tereza era muito disposta, não tinha pressão baixa, que era feminista e feminina. De maio a setembro de 1952, Tereza assinou a coluna Entre Mulheres, tinha como principal característica a busca por definições, por respostas. “Definir é sempre difícil, perigoso e, algumas vezes, pedante. Principalmente para uma mulher, mesmo em se tratando de assuntos femininos (Nunes, 2006).

O ato de atribuir sentido é um dos trabalhos mais íntimos, como afirma Cyrulnik (2006), e as colunas revelam a alma da escritora que trazia consigo o mistério da gênese da vida e das coisas. Temas sobre beleza, moda e comportamento permeiam as páginas femininas do Jornal Comício.

Qual a finalidade da moda? É claro que a moda tem um fim e não é preciso nenhum gênio para responder que é dar sugestões à mulher para se vestir sem aparecer cem por cento em público, ser admirada pelas suas toaletes, olhada de soslaio pelas amigas, elogiadas pelos homens. Dar-lhe a possibilidade de ser chic, mesmo quando não é elegante (NUNES, 2006, p.130).

Tereza, assim como Clarice, sempre estava em estado de questionamento. As colunas eram o espaço para perguntas e respostas, para solução de problemas e conselhos tomados de humanidade. “A indecisão envelhece mais que os anos. Resolva hoje mesmo o seu problema. E se este for insolúvel? Então... resigne-se, pois esse também é um modo de cortar a corda” (Nunes, 2006).

Lições sobre resiliência também permeiam as colunas clariceanas: a capacidade de regenerar-se, de se agarrar à vida e de enfrentar tudo aquilo que a ameaça. Nossos sentimentos são conflitantes, águas de um instante que insistem em nos afogar. Quem – em apenas um milésimo de segundo – não já morreu infinitas vezes? Cyrulnik (2004) afirma que é preciso renascer e aprender a conviver com as cicatrizes traiçoeiras de nossas dores;

porque viver, apesar de seus óbvios riscos, é a única coisa certa a se fazer – as leitoras de Clarice sabem disso.

Considerações

A vida foi o que mais doeu em Clarice. Tudo era muito intenso, tudo atingia o extremo, tudo a tocava demais, tudo exigia muito de Clarice. Inúmeras vezes, confessou: “Que esforço eu faço para ser eu mesma. Luto demais contra uma maré de mim” (Lispector, 1998).

Sua vida foi uma incessante busca por aquilo que de tão misterioso não tinha nome, uma busca pela liberdade, pelo que não é palpável, pelos sentimentos que nos fazem humanos. E embora soubesse que o que se sente não pode ser traduzido, a palavra foi a maneira que encontrou para se por no mundo. A palavra era - sim - o domínio de Clarice Lispector sobre o mundo.

Ávida, Clarice costumava questionar os mais próximos sobre tudo, principalmente sobre o ato de escrever, sobre como nasciam as histórias, os romances. Ansiava encontrar na resposta obtida uma resposta para si mesma. “É preciso pesquisar, se aventurar por novos caminhos, desconfiar da facilidade com que as palavras se oferecem” (Claire, 2007), disse Lygia Fagundes Teles certa vez à escritora.

Por que escrevo: terei antes de ir ao profundo último de meu ser. - Não. Eu não sei por que escrevo. A gente escreve como quem ama. Ninguém sabe por que ama, a gente não sabe por que escreve. Escrever é um ato solitário, solitário de um modo diferente de solidão. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse (BORELLI, 1981, p.67).

Clarice jamais acreditou que escrevia para desabafar. “Para isso tenho os amigos” (Lispector, 1999). A verdade é que as perguntas eram muitas e só poderiam ser alcançadas por meio da palavra. A palavra era a isca que a aproximava da coisa, que a colocava diante do mistério da vida e do ser. Tudo só poderia ser dito e entendido por meio da palavra nua e crua. Em todos os seus escritos, o amor pela palavra a denuncia.

Seja em sua obra literária ou jornalística, a palavra era um objeto a ser tateado no escuro. As palavras a esperavam, ansiosas, para contar-lhes seus segredos. “Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever” (Lispector, 1998). E foi assim por toda uma vida.

Tereza, Helen, Ilka: mulheres que nasceram do coração de Clarice, da mesma Clarice que também fez [re]nascer G.H. e tantos outros personagens de suas obras literárias;

aquela que se revela no conto mais hermético e – paradoxalmente – o mais compreensível e envolvente que deixou, O ovo e a galinha; a mãe, esposa, ser humano, mulher, repleta de inquietude, que se diz incompleta por não ter acesso a si mesma e que tem como drama a liberdade. É a Clarice que fala através dos personagens, dos pseudônimos, através de si mesma. É aquela que é o maior personagem de suas obras, que diz que a beleza está na felicidade, nos sentimentos.

Uma verdade – nada espantada – é que o jornalismo foi exercido por Clarice não como uma forma de sobrevivência. Clarice escrevia para viver, e não para sobreviver. Escrever era a sua vida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BORELLI, Olga. Clarice Lispector: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. Uma história social da mídia. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica: Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CLAIRE, Williams. In: LISPECTOR, Clarice. Entrevistas. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CYRULNIK, Boris. Falar de amor à beira do abismo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

_____. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. A maçã no escuro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. Outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. KOVACH, Bill.

ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Amor, poesia, sabedoria. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertreand Brasil, 1998.

LAGE, Nilson. Linguagem Jornalística. São Paulo: Ática, 2003.

NUNES, M. Aparecida. (Org). Correio Feminino: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

TODOROV, Tzvetan. A vida em comum: ensaio de antropologia geral. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Papyrus, 1996.